

CONHECIMENTOS, ATITUDES E PRÁTICA DE MULHERES ACERCA DO USO DO PRESERVATIVO

WOMEN'S KNOWLEDGE, ATTITUDES AND PRACTICE REGARDING CONDOM USE

CONOCIMIENTOS, ACTITUDES Y PRÁCTICA DE MUJERES SOBRE EL USO DEL PRESERVATIVO

*Leilane Barbosa de Sousa^I
Denise de Fátima Fernandes Cunha^{II}
Lorena Barbosa Ximenes^{III}
Ana Karina Bezerra Pinheiro^{IV}
Neiva Francenele Cunha Vieira^V*

RESUMO: Esta revisão bibliográfica foi realizada com o objetivo de caracterizar a produção científica acerca do desenvolvimento de habilidades pessoais de mulheres em relação ao uso do preservativo na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Por meio da busca em bases de dados foram selecionados 15 artigos como amostra deste estudo, abarcando o período de 2004 a 2008. Os resultados apontaram questões de gênero, déficit no conhecimento, barreiras no acesso e problemas na adaptação como fatores que contribuem para o não uso do preservativo. É importante que estudos sobre a temática sejam realizados em diferentes contextos culturais e que as informações obtidas sejam utilizadas no planejamento de intervenções de promoção da saúde.

Palavras-chave: Conhecimentos, atitudes e prática em saúde; preservativos; saúde da mulher; promoção da saúde.

ABSTRACT: This bibliographical review was conducted in order to characterize scientific production on women's development of personal skills relating to condom use to prevent sexually transmitted diseases. A sample of 15 articles published from 2004 to 2008 was selected by database search. The results pointed to issues of gender, knowledge deficit, barriers to access and problems in adaption as factors contributing to non-use of condoms. It is important for studies on this subject to be performed in different cultural contexts and for the information so obtained to be used planning health promotion interventions.

Keywords: Health knowledge, attitudes and practice; condoms; women's health; health promotion.

RESUMEN: Esta revisión bibliográfica se llevó a cabo con el intento de caracterizar la producción científica relativa al desarrollo de capacidades personales de mujeres en relación al uso de preservativo en la prevención de enfermedades sexualmente transmisibles. A través de la búsqueda en bases de datos en el período comprendido entre 2004 y 2008, 15 artículos fueron seleccionados como muestra para este estudio. Los resultados señalaron cuestiones de género, déficit de conocimiento del asunto, dificultades de acceso y problemas en la adaptación como factores que contribuyen para la no utilización de preservativos. Es importante que estudios sobre el tema sean realizados en diferentes contextos culturales y que las informaciones obtenidas sean utilizadas en la planificación de intervenciones para promover la salud.

Palabras clave: Conocimientos, actitudes y práctica en salud; condones; salud de la mujer; promoción de la salud.

INTRODUÇÃO

As doenças sexualmente transmissíveis (DST) constituem importante agravo de saúde pública. Neste cenário, um dos grandes desafios é reforçar a qualidade da assistência do Sistema Único de Saúde (SUS) e pro-

mover a conscientização a respeito do risco de relações sexuais desprotegidas^{1,2}. Compreende-se, portanto, que o uso correto e frequente do preservativo constitui método seguro de prevenção de DST e está diretamente

^IDoutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Departamento de Enfermagem da Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: leilanebarbosa@yahoo.com.br.

^{II}Graduanda do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: denise_rbc@hotmail.com.

^{III}Doutora. Pesquisadora do CNPq. Membro do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Departamento de Enfermagem da Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: lbximenes@yahoo.com.br.

^{IV}Doutora. Pesquisadora do CNPq. Membro do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Departamento de Enfermagem da Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: anakarinaufc@hotmail.com.

^VDoutora. Pesquisadora do CNPq. Membro do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Departamento de Enfermagem da Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: neiva_cunha@pesquisador.cnpq.br

relacionado ao conhecimento, à atitude e à prática, ou seja, ao que as pessoas sabem, sentem e como se comportam a respeito das DST.

Esses elementos convergem para o desenvolvimento de habilidades pessoais no âmbito da promoção da saúde sexual e reprodutiva, bem como para a conscientização sobre a autonomia e responsabilidade no cuidado com o próprio corpo e na quebra da cadeia de transmissão de DST.

A complexidade do conhecimento, atitude e prática de mulheres em relação ao uso do preservativo vai ao encontro do conceito de promoção da saúde, o qual consiste na capacitação e inclusão do indivíduo no processo de melhoria da sua qualidade de vida³.

O desenvolvimento de habilidades pessoais consiste em uma das estratégias de promoção da saúde, sendo obtido por meio de informação, educação para a saúde e intensificação das habilidades vitais³. Essas ferramentas permitem que os indivíduos conheçam várias opções de cuidado e conduzam práticas favoráveis à saúde.

Nessa perspectiva, compreende-se que é importante que se conheça o que as mulheres sabem, pensam e praticam acerca do uso do preservativo na promoção da saúde.

Entre os estudos sobre a temática, observa-se que a maioria identifica os métodos contraceptivos que a população conhece, mas não focaliza o desenvolvimento de habilidades pessoais para o uso do preservativo⁴. Em face do exposto, sentiu-se a necessidade de realizar o presente estudo.

Investigações sobre conhecimentos, atitudes e prática sobre o uso de preservativo por mulheres são relevantes por permitirem que seja traçado o diagnóstico do desenvolvimento de habilidades de uma determinada população com enfoque na promoção da saúde sexual e reprodutiva. A análise desse diagnóstico pode representar o ponto de partida para o planejamento de intervenções de promoção da saúde⁵.

Nessa perspectiva, esta investigação foi realizada com o objetivo de caracterizar a produção científica acerca de habilidades pessoais de mulheres em relação ao uso preservativo na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

METODOLOGIA

A análise reflexiva foi fundamentada em artigos indexados nas bases de dados informatizadas: *Scientific Electronic Library On-line* (SCIELO), *Medical Literature Analysis and retrieval System On-line* (MEDLINE), Literatura latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e na Base de Dados de Enfermagem (BDENF).

Para seleção da amostra, foram definidos os seguintes critérios de inclusão: artigos em português, inglês ou espanhol com resumos disponíveis nas bases

de dados retrocitadas; artigos indexados pelos seguintes termos do desc: conhecimentos, atitudes e prática em saúde/ preservativos/ saúde da mulher; artigos originais, ou seja, que relatassem pesquisa a partir de uma investigação em campo; artigos que abordassem o tema *preservativo* no contexto das DST; e artigos publicados entre 2004 e 2008. Este recorte temporal foi adotado no intuito de dar continuidade à produção do conhecimento sobre uso do preservativo, uma vez que pesquisa anterior investigou artigos acerca da temática produzidos até o início de 2005⁴. A pesquisa nas bases de dados foi realizada no dia 18 de novembro de 2008.

Na base de dados Scielo, foram encontrados 30 artigos com o termo conhecimentos, atitudes e práticas em saúde. Ao acrescentar o termo preservativos, não houve ocorrência de artigos.

A pesquisa na base de dados Lilacs identificou 1.575 artigos com o termo conhecimentos, atitudes e prática em saúde. Com o acréscimo do termo preservativos foram apresentados 40 artigos. Acrescentando o termo saúde da mulher não houve ocorrência de artigos com os três termos.

Na base de dados BDEF foram encontrados 76 artigos com os termos conhecimentos, atitudes e prática em saúde. Ao acrescentar o termo preservativos não foi identificado artigo algum.

A base de dados Medline revelou 32.291 artigos com os termos conhecimentos atitudes e práticas em saúde. Com estes termos e o vocábulo preservativos foram encontrados 891 artigos. Acrescentando saúde da mulher como terceiro termo foram identificados 42 artigos. Destes, 22 foram publicados entre 2004 e 2008.

Dos 22 artigos selecionados foram descartados três que, apesar de possuírem o termo preservativo, não abordavam o tema DST; dois que não utilizaram critério metodológico; um artigo que não tratou do uso do preservativo no contexto das DST; e um artigo reflexivo, não previsto no critério de seleção.

Diante das pesquisas nas bases de dados e considerando os critérios inclusão, a amostra foi constituída por 15 artigos extraídos da base de dados Medline, sendo todos de origem estrangeira e redigidos em inglês.

A coleta de dados seguiu um roteiro semiestruturado visando levantar as seguintes variáveis: ano de publicação, objeto de estudo, e elementos facilitadores e obstáculos ao desenvolvimento de habilidades.

Os dados coletados foram submetidos à leitura exploratória, seletiva, analítica e interpretativa, por meio da qual os textos foram agrupados e submetidos à análise⁶.

RESULTADOS

Os estudos encontrados foram caracterizados segundo ano de publicação, objeto de estudo, e elementos facilitadores e obstáculos ao desenvolvimento de habilidades, conforme mostra a Figura 1.

Entre os 15 artigos analisados, cinco adotaram como foco a cultura africana⁷⁻⁹; um foi realizado no contexto norte-americano¹⁰; e dois abordaram a cultura afro-americana no contexto norte-americano^{11,12}. Foram identificados, também, um estudo realizado na Costa Rica¹³, um no Vietnã¹⁴ e um na Indonésia¹⁵. Os demais artigos não especificaram em que contextos culturais realizaram a coleta de dados.

A análise dos artigos revelou concentração das publicações no ano de 2007, em que foram identificadas

sete publicações^{7,8,10-12,16,17}. No ano de 2006 foram encontrados quatro artigos publicados^{13,14,18,19}. Nos anos de 2008 e 2005 foram identificadas apenas duas publicações^{9,15}. Em 2004 não houve publicação de artigos na temática.

Vale ressaltar que nove artigos focalizaram a análise da atitude e comportamento em relação ao uso do preservativo^{7,9,11-13,16-18,20}. Três avaliaram a influência do companheiro no uso do preservativo^{14,19,21}. Os demais estudos salientaram a técnica do uso do preservativo, o conhecimento sobre o preservativo

Artigo	Ano	Objeto de estudo	Facilidades/obstáculos ao desenvolvimento de habilidades
A1 ²⁰	2008	Facilitadores e obstáculos relacionados ao uso do preservativo entre mulheres.	Paz de espírito, proteção e a facilidade contribuíram para a habilidade. Razões para não uso: irritação/inflamação, ruptura e ajuste.
A2 ²¹	2008	Influência do parceiro no uso do preservativo.	Domínio masculino e temor em negociar o uso do preservativo.
A3 ¹⁶	2007	Conhecimento de mulheres indígenas sobre DST e preservativo.	Conhecimento insuficiente sobre DST, acesso limitado e baixo uso de preservativos.
A4 ⁷	2007	Influência social no comportamento de risco para DST em mulheres do meio rural africano.	Uso do preservativo com parceiros ocasionais e como contraceptivo.
A5 ¹⁰	2007	Prática de uso do preservativo.	As mulheres que relataram uso do preservativo eram mais latino-americanas, de 30 a 34 anos, do nordeste dos EUA.
A6 ¹¹	2007	Uso consistente do preservativo entre as mulheres afro-americanas portadoras do HIV.	Maior uso do preservativo com parceiro HIV - negativo e quando não havia barreiras de acesso ao preservativo.
A7 ⁸	2007	Comportamento sexual de jovens de 15 a 24 anos, na África do Sul.	52.2% de relatos de uso do preservativo entre jovens africanas de 15 a 24 anos de idade.
A8 ¹²	2007	Risco sexual para o HIV entre latinas e africanas americanas que possuem parceiro fixo.	Mulheres afro-americanas relataram maior número de parceiros sexuais, maior número de DST e menor uso do preservativo.
A9 ¹⁷	2007	Iniciação sexual e tomada de decisão e comunicação sobre necessidades sexuais e o uso do preservativo.	A estratégia de educação em saúde proporcionou aos participantes o deslocamento de uma posição passiva para adesão ao preservativo.
A10 ¹⁸	2006	Correlações das mulheres que usam preservativos.	As mulheres que mais usaram preservativos eram jovens e com mais parceiros.
A11 ¹³	2006	Relações entre expectativas de relações sexuais no período de férias, tipo de viagem, comportamentos, obtenção e início do uso do preservativo com parceiros sexuais de férias entre mulheres turistas em Costa Rica.	Relações ocasionais geraram risco devido à falta do preservativo e/ou à inexperiência no uso.
A12 ¹⁴	2006	Conhecimento de HIV/AIDS, e a influência e frequência no uso do preservativo com clientes e parceiros regulares entre trabalhadoras do sexo em Khanh Hoa.	Uso do preservativo incompatível com o conhecimento. Relato de uso com clientes e não uso com parceiro fixo.
A13 ¹⁹	2006	Predominância e o efeito de fatores do relacionamento em práticas de um sexo mais seguro entre mulheres idosas que vivem em uma região de elevada incidência do HIV.	A confiança no parceiro foi associada ao baixo uso do preservativo. Acesso facilitado ao preservativo e independência do parceiro foram associados ao sexo seguro.
A14 ¹⁵	2005	Situação de saúde entre trabalhadores e clientes indonésios do sexo.	Uso do preservativo por clientes aumentou de 19% em 1992-93 a 78% em 1999.
A15 ⁹	2005	Política pública senegalesa para os trabalhadores do sexo.	98% exigem o uso de preservativos. 96% definiram maneiras de contaminação pelo HIV. Verificado comportamento favorável à saúde.

FIGURA 1: Identificação dos artigos segundo ano de publicação, objeto de estudo e facilidades/obstáculos. Período 2005-2008.

na prevenção de DST e a análise de políticas de saúde sobre a temática.

A população estudada foi em sua grande maioria composta por mulheres, sendo que, entre grupos específicos, destacaram-se: dois estudos realizados com profissionais do sexo^{14,15}; dois trabalhos desenvolvidos com mulheres adolescentes^{8,17}; um com idosas¹⁹; e um com portadoras do vírus da imunodeficiência adquirida (HIV)¹¹. Os demais artigos foram desenvolvidos com mulheres adultas, heterossexuais e sexualmente ativas.

Os resultados dos estudos ressaltam, principalmente, que os obstáculos ao desenvolvimento de habilidades pessoais em relação ao uso do preservativo estão mais relacionados a questões de gênero do que à falta de conhecimento. Seis estudos destacaram que a confiança no parceiro fixo contribui para o não uso do preservativo, enquanto que em relações sexuais ocasionais com parceiros desconhecidos a taxa de uso do preservativo é mais alta^{7, 13,14,18, 19, 21}.

A falta de informação sobre o uso correto do preservativo foi relatada em dois estudos^{13,16}. Um artigo apresentou como razão para não adesão a recusa do companheiro²¹.

O acesso ao preservativo foi relatado, em um dos artigos, como obstáculo para a adesão das mulheres¹⁶. Já em outro estudo, foi verificado que as mulheres não usam por conta de problemas na adaptação (inflamação, ruptura e ajuste impróprio)⁷.

Dois estudos compararam o comportamento sexual de mulheres latinas em relação a brancas e negras, e a africanas^{10,12}. Nas duas pesquisas, observou-se que as mulheres latinas, comparadas aos outros grupos, apresentam comportamento sexual mais favorável à saúde, com taxas mais altas de adesão ao preservativo e com menor índice de DST.

Um estudo que analisou especificamente o comportamento sexual de portadoras do HIV identificou que o desenvolvimento de habilidades pessoais para o uso do preservativo foi favorecido em situações em que o parceiro era HIV - negativo, quando não existiam barreiras no acesso ao preservativo e quando as mulheres possuíam conhecimento suficiente sobre sua utilização¹¹.

DISCUSSÃO

A investigação do comportamento de prevenção das DST nas diversas populações e culturas é necessária, pois, no panorama atual, verifica-se que estas doenças estão presentes nos mais variados países e comunidades culturais, sendo necessária a realização de estudos em diversas culturas. Percebeu-se, todavia, que as pesquisas ainda focalizam populações dos Estados Unidos e da África. Provavelmente, o desejo de se investigar o conhecimento, atitude e prá-

ticas destas populações em relação ao uso do preservativo provenha do grande número de pessoas contaminadas pelo HIV nestes países, na época de sua descoberta, sendo a origem do vírus atribuída a rituais africanos com sangue de macacos contaminados e o surgimento da síndrome em algumas cidades portuárias norte-americanas²².

É necessário ressaltar que estudos devem ser realizados em outros contextos, visando o planejamento estratégico de intervenções de promoção da saúde sexual e reprodutiva. Este tipo de planejamento requer a contribuição de políticas integradas e inclusivas, bem como de estratégias complementares que se congreguem a fim de que resultados máximos sejam obtidos⁵.

Sobre a frequência de publicações por ano, observou-se que o número de estudos apresentou crescimento até 2007, concentrando-se neste ano e apresentando decréscimo em 2008. A mudança do paradigma de atenção à doença para promoção da saúde parece ter contribuído para o crescimento do interesse em se investigar fatores inerentes ao comportamento de proteção à saúde sexual e reprodutiva. A perspectiva de promoção da saúde orienta a capacitação dos indivíduos, grupos e comunidades em busca de melhores condições de vida²³.

A maioria dos estudos analisados focalizou o desenvolvimento de habilidades pessoais em relação ao preservativo sob a perspectiva da influência do parceiro na adesão. Nesse sentido, sobressaiu a questão de gênero como forte determinante no desenvolvimento da autonomia, da consciência da mulher acerca do poder que possui na promoção da própria saúde sexual, bem como da saúde sexual do parceiro. A negociação do uso do preservativo entre a mulher e seu parceiro ainda é apresentada como uma habilidade pessoal complexa, que necessita de uma estratégia de educação em saúde culturalmente direcionada. Autores afirmam que as conquistas femininas na sociedade ainda contrastam com a inabilidade da mulher na negociação do uso do preservativo com seu parceiro²³⁻²⁵. Essa realidade parece ser comum nos contextos culturais analisados, devendo ser valorizada no planejamento de programas de promoção da saúde²⁶.

Em relação às populações estudadas, identificou-se que os artigos abrangeram grupos diversos de mulheres, condizente com a nova perspectiva de abordagem na prevenção de DST, a qual resalta a relevância da vulnerabilidade em detrimento dos ainda valorizados grupos de risco. A literatura alerta para o perigo da consideração de grupos de risco, uma vez que pessoas que não se consideram vulneráveis podem contrair DST^{27, 28}.

Os pesquisadores também estão atentando para a importância de se utilizar abordagens quantitativas e qualitativas em investigações sobre comportamento, atitude e práticas de saúde em relação

ao uso do preservativo. Estas abordagens se complementam e fornecem subsídios para a compreensão ampliada dos multideterminantes inseridos no processo saúde-doença.

Foram encontradas relações entre o domínio masculino/confiança no parceiro fixo e a não adesão da mulher ao preservativo, assim como entre a falta de conhecimento e o uso incorreto do preservativo. A falta de conhecimento sobre o longo período de latência de algumas DST, aliada à submissão sexual da mulher em relação ao companheiro, contribuem para a prática do sexo sem preservativo. É quando a mulher adquire a consciência sobre o cuidado com seu corpo, pode se comparar com o conhecimento insuficiente sobre o uso correto do preservativo. Sobre isso, a literatura aponta que uma das principais razões para a não adesão ao preservativo reside na ineficiência feminina na negociação com o parceiro, principalmente quando este compartilha com ela um relacionamento estável^{25,29-31}. A situação se agrava quando a mulher não se empodera do conhecimento sobre a finalidade e o uso correto do preservativo. Essa falta de conhecimento é resultante, muitas vezes, da ausência do diálogo sobre o tema^{28,32}.

Outros achados ressaltam barreiras no acesso ao preservativo e problemas na adaptação como empecilhos para a adesão. A habilidade pessoal em relação à prática do uso do preservativo em todas as relações sexuais, além de depender da disponibilidade desse recurso nos serviços de saúde e da orientação de profissionais de saúde, encontra dificuldade na adaptação dos próprios casais, que frequentemente relatam barreiras de cunho cultural e emocional que os impedem de praticar o sexo seguro (com uso do preservativo)^{31,33}.

Diante disso, as intervenções em educação em saúde devem considerar, no contexto da vulnerabilidade, os âmbitos social, emocional e cultural. No processo educativo, é necessário que seja fortalecida a autonomia dos sujeitos, considerando suas crenças e valores e promovendo a conscientização a respeito dos riscos ao qual eles estarão expostos ao adotarem determinados comportamentos de saúde³⁴⁻³⁶.

CONCLUSÃO

Apesar de o paradigma de promoção da saúde ter impulsionado a realização de estudos que enfocassem aspectos do comportamento de saúde, o cerne das investigações ainda está concentrado na África e nos Estados Unidos, lugares estigmatizados pela descoberta do HIV e pelo surgimento do primeiro caso de AIDS, respectivamente.

Percebeu-se que, nos contextos dos elementos que dificultam o desenvolvimento de habilidades pessoais para o uso do preservativo, sobressaíram a relação da não adesão ao método preservativo com a

confiança no parceiro sexual, a ineficiência do poder de negociação com o companheiro, o déficit de conhecimento sobre seu uso, problemas na adaptação e barreiras no acesso ao preservativo.

O desenvolvimento de habilidades pessoais para o uso de preservativo foi favorecido em situações em que a mulher não possuía parceiro fixo, detinha conhecimento sobre o uso correto e dispunha de livre acesso a esse recurso nos serviços de saúde. Nesse contexto, o grupo de mulheres que se destacou foi o de profissionais de sexo, que demonstraram relativa consciência sobre a importância do preservativo para a promoção da saúde sexual e reprodutiva.

Diante dos achados, sugere-se que sejam realizados estudos em contextos além do africano e norte-americano, a fim de subsidiar o planejamento de programas de educação em saúde, bem como avaliação de intervenções de promoção da saúde já implementadas.

REFERÊNCIAS

1. Ministério da Saúde (Br). Dados e pesquisas em DST e AIDS.[citado em 20 ago 2010] Disponível em: <http://www.AIDS.gov.br/final/dados/dst.htm>.
2. Ministério da Saúde (Br). Notícias do programa nacional DST/AIDS.[citado em 8 ago 2010] Disponível em: <http://www.aids.gov.br>.
3. Ministério da Saúde (Br). Promoção da Saúde. (Declaração de Alma-Ata, Declaração de Adelaide, Declaração de Santafé de Bogotá, Rede dos mega-países, Carta de Otawa, Declaração de Sundsvall, Declaração de Jacarta, declaração do México). Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2001.
4. Berer M. Dupla proteção: mais necessária do que praticada ou compreendida. *Questões de Saúde Reprodutiva*. 2007; 2(2):23-33.
5. Naidoo J, Wills J. Health promotion – foundations for practice. London (UK): Bailliere Tindall; 2000.
6. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec; 2004.
7. Brown EJ, Smith FB, Hill MA. HIV risk reduction in rural African American women who use cocaine. *Women Health*. 2007; 46(2-3):77-97.
8. MacPhail C, Pettifor AE, Pascoe S, Rees HV. Contraception use and pregnancy among 15-24 year old South African women: a nationally representative cross-sectional survey. *BMC Med*. 2007; 5:31.
9. Homaifar N, Wasik SZ. Interviews with senegalese commercial sex trade workers and implications for social programming. *Health Care Women Int*. 2005; 26:118-33.
10. Brown NC, Taylor ED, Mulatu MS, Scott W. Demographic correlates of HIV testing, high-risk behaviors, and condom/STD consultation among a multi-ethnic sample of women. *Women Health*. 2007; 46(2-3):59-76.
11. Raiford JL, Wingood GM, DiClemente RJ. Correlates of consistent condom use among HIV-positive African American women. *Women Health*. 2007; 46(2-3):1-58.
12. Moreno CL, El-Bassel N, Morrill AC. Heterosexual women

- of color and HIV risk: sexual risk factors for HIV among Latina and African American women. *Women Health*. 2007; 45(3):1-15.
13. Ragsdale K, Difranceisco W, Pinkerton SD. Where the boys are: sexual expectations and behaviour among young women on holiday. *Cult Health Sex*. 2006; 8(2):85-98.
 14. Rosenthal D, Oanha TT. Listening to female sex workers in Vietnam: influences on safe-sex practices with clients and partners. *Sex Health*. 2006; 3(1):21-32.
 15. Ford K, Wirawan DN. Condom use among brothel-based sex workers and clients in Bali, Indonesia. *Sex Health*. 2005; 2(2):89-96.
 16. Stark AM, Hope A. Aboriginal women's stories of sexually transmissible infection transmission and condom use in remote central Australia. *Sex Health*. 2007; 4:237-42.
 17. Dworkin SL, Beckford ST, Ehrhardt AA. Sexual scripts of women: a longitudinal analysis of participants in a gender-specific HIV/STD prevention intervention. *Arch Sex Behav*. 2007; 36:269-79.
 18. Sanders SA, Graham CA, Yarber WL, Crosby RA, Dodge B, Milhausen RR. Women who put condoms on male partners: correlates of condom application. *Am J Health Behav*. 2006; 30:460-6.
 19. Paranjape A, Bernstein L, St George DM, Doyle J, Henderson S, Corbie-Smith G. Effect of relationship factors on safer sex decisions in older inner-city women. *J Womens Health (Larchmt)*. 2006; 15:90-7.
 20. Von Sadvovsky V, Ryan-Wenger N, Germann S, Evans M, Fortney C. Army womens's reasons for condom use and nonuse. *Womens Health*. 2008; 18:174-80.
 21. Crosby RA, DiClemente RJ, Wingood GM, Salazar LF, Head S, Rose E, McDermott-Sales J. Sexual agency versus relational factors: a study of condom use antecedents among high-risk young African American women. *Sex Health*. 2008; 5:41-7.
 22. Joint United Nations Programme on HIV/AIDS. Fatos e números: campanha mundial e AIDS. Genebra (Swi): UNAIDS; 1999.
 23. Arán M. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. *Revista de Estudos Feministas*. [citado em 22 out 2006] Disponível em: <http://www.portalfeminista.org.br>
 24. Villela W V. Saúde sexual e reprodutiva como direitos humanos. In: Passos MRL, organizador. *Deesetologia: DST 5*. Rio de Janeiro: Cultura Médica; 2005. p.737-42.
 25. Sousa LB. DST no âmbito da relação estável: análise cultural com base na perspectiva da mulher [dissertação de mestrado]. Fortaleza (CE): Universidade Federal do Ceará; 2007.
 26. Tannahill A. Health education and health promotion: planning for the 1990s. *Health Educ J*. 1990; 49:194-8.
 27. Pinheiro PNC. A cultura masculina e sua influência na soropositividade pelo HIV à AIDS [tese de doutorado]. Fortaleza (CE): Universidade Federal do Ceará; 2005.
 28. Passos MRL. *Deesetologia: DST 5*. Rio de Janeiro: Cultura Médica; 2005.
 29. Alves MDS. Papilomavírus e mal-estar: representações sociais de homens e mulheres. Fortaleza (CE): Pós-graduação/DENF/UFC/Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura; 2004.
 30. Costa MH, Carbone MH. *Saúde da família: uma abordagem interdisciplinar*. Rio de Janeiro: Rubio; 2004.
 31. Reis RK, Gir E. Dificuldades enfrentadas pelos parceiros sorodiscordantes ao HIV na manutenção do sexo seguro. *Rev Latino-Am Enfermagem*. 2005; 13:32-7.
 32. Sousa LB, Barroso MGT. DST no âmbito da relação estável: análise cultural com base na perspectiva da mulher. *Esc Anna Nery*. 2009; 13:123-30.
 33. Inagaki ADM, Santos MD, Abud ACF, Gonçalves LLC, Daltro AST. Práticas contraceptivas entre acadêmicos de enfermagem de uma universidade federal. *Rev enferm UERJ*. 2007; 15:563-8.
 34. Backes MTS, Rosa LM, Fernandes GCM, Becker SG, Meirilles BHS, Santos SMA. Conceitos de saúde doença ao longo da história sob o olhar epidemiológico e antropológico. *Rev enferm UERJ*. 2009; 17:111-7.
 35. Sousa LB, Aquino OS, Fernandes JFP, Vieira NFC, Barroso MGT. Educação, cultura e participação popular: abordagem no contexto da educação em saúde. *Rev enferm UERJ*. 2008; 16:107-12.
 36. Lopes EM, Anjos SJSB, Pinheiro AKB. Tendências das ações de educação em saúde realizadas por enfermeiros no Brasil. *Rev enferm UERJ*. 2009; 17:273-7.